

**CRIAÇÃO LITERÁRIA E ARTÍSTICA EM REDES COLABORATIVAS DIGITAIS
NA PANDEMIA: O MOVIMENTO CULTURAL DO CENTRO CULTURAL
ALPHARRABIO NA REGIÃO DO ABC PAULISTA**

Andrea Paula dos Santos Oliveira Kamensky¹

Felipe Magaña Dogue²

Gabriella Ayumi Braga Takeda³

RESUMO EXPANDIDO

O Centro Cultural Alpharrabio, também livraria e editora independente, foi fundado em fevereiro de 1992, na cidade de Santo André, sendo a iniciativa definida em seu convite de inauguração como “muito mais que uma livraria, um ponto de encontro cultural, um centro irradiador e procriador de idéias”. Em fevereiro 2022, o Centro Cultural Alpharrabio (Livraria e Editora) completou 30 anos como parte da história cultural e artística não apenas da cidade de Santo André, mas de toda a região do ABC paulista, pois tornou-se um polo de debates, criações e produções artísticas e culturais, abrigando artistas, grupos e agentes culturais, educadores, estudantes e membros da comunidade da região metropolitana, desenvolvendo ações de apoio às mais variadas expressões artísticas e manifestações culturais que representam a rica diversidade cultural da região. (ARAÚJO *et. al.*, 2019; KAMENSKY *et. al.*, 2021, 2022; PERES *et. al.*, 2020.) Tal espaço sempre foi um polo cultural regional, com acervo reconhecido, celeiro de poetas e artistas e discussões sobre políticas públicas de cultura, debatidas por uma década no Fórum Permanente de Debates Culturais do Grande ABC. Ao completar trinta anos, em 2022, torna-se uma das livrarias e editoras independentes mais longevas do Brasil.

Desde 2002, ao completar dez anos, o Centro Cultural Alpharrabio abriu um site (ALPHARRABIO, 2022) através do qual divulga atividades cujo portfólio está amplamente documentado também no livro *Alpharrabio 12 Anos: uma história em curso* (VERAS &

¹ Doutora em História Econômica (FFLCH/USP), professora da Universidade Federal do ABC. Membro da equipe do Arquivo Histórico Cultural da Região do ABC (PROEC/UFABC).

² Graduando em História (FFLCH/USP). Membro voluntário do Arquivo Histórico Cultural da Região do ABC (PROEC/UFABC).

³ Graduanda no Bacharelado em Ciências e Humanidades (UFABC). Bolsista do Arquivo Histórico Cultural da Região do ABC (PROEC/UFABC).

VERAS, 2004). Em 2007, foi criado o blog (BLOG DO ALPHARRABIO, 2022), considerado um caderno virtual de registros do cotidiano e das ações do Centro Cultural Alpharrabio.

O Centro Cultural Editora e Livraria Alpharrabio é coordenado por Dalila Teles Veras, personalidade literária e reconhecida agente cultural da região do ABC paulista, posto que é poeta, cronista, blogueira, editora, livreira e ativista cultural. Por sua trajetória literária e seu trabalho com a comunidade, em 2019, lhe foi outorgado o título de Doutora *Honoris Causa* pela UFABC. Desde 1992 dirige, junto com Luzia Teles Veras, responsável pela produção editorial e curadoria de atividades artísticas e culturais, em Santo André, SP, referência na região voltada para a divulgação da cultura e das artes no Grande ABC. Dalila também coordenou o Fórum Permanente de Debates Culturais do Grande ABC, então criado com o objetivo de estabelecer um processo participativo e crítico das políticas públicas da cultura e da ação cultural integrada na região do ABC. Um grupo independente, sem constituição jurídica, que discutiu, entre muitas questões, estratégias de atuação regional, incluindo a organização da comunidade cultural, o estabelecimento de canais de comunicação, e o reconhecimento da cultura como centralidade e valor inalienável da formação humana.

Porém, em 2020 e 2021, com a chegada e a permanência da pandemia, tudo ficou fechado. Toda a comunidade que frequentava o Centro Cultural Editora e Livraria Alpharrabio ficaram muito mal nesse momento histórico tão difícil, com mais de meio milhão de mortos, entre eles, familiares e pessoas da comunidade... Para se adequar à nova realidade, o centro cultural, além de utilizar os canais digitais que já mobilizava, teve que se apropriar de novas ferramentas para continuar realizando seus trabalhos de criação artística e literária em redes de colaboração, agora em formato totalmente virtual, por meio de reuniões em videoconferências, conversas e trocas de informação em redes sociais, como o *Whatsapp*, *Facebook* e *Youtube*. Para dar continuidade às suas atividades culturais, Dalila e esta rede colaborativa começaram a ir aos saraus virtuais, além de fazer as atividades culturais em formato de *lives*, adaptando-se às tecnologias digitais. Dalila e a comunidade reunida produziram, mesmo em meio às dificuldades da crise sanitária e do isolamento social, uma antologia com vários artistas e escritores tratando da pandemia: *Dias Distantes*. (VERAS, 2021).

No decorrer deste trabalho de pesquisa, realizado nos últimos anos e continuado na pandemia, Dalila disse, em sua última entrevista gravada por teleconferência, que não aguentava mais o isolamento social, o teletrabalho e o governo desastroso de Jair Bolsonaro. Ela afirmou que gostaria de, novamente, poder abrir as portas do Alpharrabio para reencontrar e abraçar seus amigos e amigas, reunindo presencialmente as pessoas da sua comunidade, o que ocorreu no primeiro semestre de 2022. Apesar da frustração, a poeta disse que o que estava ajudando a comunidade a sobreviver e conviver minimamente eram as ações culturais e literárias *on-line*:

“Então, a livraria ficou viva esse tempo todo, ainda que virtualmente. E, no fim do ano, já quase no início de 2021, veio-me a ideia de reunir pessoas de uma outra maneira, ou seja, em livro. Ainda tenho a ilusão, a utopia da palavra no papel impresso. Convidei vinte e duas pessoas para mandarem algum tipo de trabalho que tivesse sido feito durante a pandemia e falasse de alguma maneira, mesmo que indireta, sobre como aquela pessoa foi afetada nesse ano de isolamento social. Para minha surpresa, todos aceitaram e me mandaram coisas muito bonitas. E não veio só poesia. Vieram minicontos, trabalhos gráficos, desenhos, pinturas. Um livro muito diverso, plural. [...] As coisas estão acontecendo. [...] Eu diria que não me satisfaz plenamente, não é a mesma coisa.” (VERAS *et. al.*, 2022)

Dalila expressou em sua entrevista como o Centro Cultural Alpharrabio, dando continuidade ao que realizava antes da pandemia, demonstrou que o alcance, a complexidade e a democratização do acesso à criação artística e literária na cultura digital possibilitam a reconfiguração do próprio universo artístico e cultural, em termos de interculturalidade, com produções híbridas, digitais e impressas. Nesta perspectiva, o movimento cultural, organizado em redes plurais na cultura contemporânea e digital, colocou em novas práticas a questão da literatura e de outras expressões e manifestações artísticas e culturais realizadas em espaços públicos na internet para, além da utopia, repensar as fronteiras entre arte e cultura, identidades, subjetividades e estilos de vida. (RANCIÈRE, 2005; CANCLINI, 2000, 2005, 2008, 2021; SANTAELLA, 2004, 2006, 2007; LÉVY, 2010; CASTELLS, 2017) Os hibridismos tecnológicos e a ligação com a cultura digital são, portanto, características dos movimentos culturais e dos processos de pesquisa e extensão na segunda década do século 21, intensificados no contexto da pandemia de Covid-19.

Palavras-chave: Cultura digital; Redes colaborativas; Criação artística; Criação literária; Movimento cultural.

O Centro Cultural Alpharrabio, também livraria e editora independente, foi fundado em fevereiro de 1992, na cidade de Santo André (SP), sendo a iniciativa definida em seu convite de inauguração como “muito mais que uma livraria, um ponto de encontro cultural, um centro irradiador e procriador de idéias”. Em fevereiro 2022, o Centro Cultural Alpharrabio completou 30 anos como parte da história cultural e artística não apenas da cidade de Santo André, mas de toda a região do ABC paulista, pois tornou-se um polo de debates, criações e produções artísticas e culturais, abrigando artistas, grupos e agentes culturais, educadores, estudantes e membros da comunidade da região metropolitana, desenvolvendo ações de apoio às mais variadas expressões artísticas e manifestações culturais que representam a rica diversidade cultural da região. (ARAÚJO et. al., 2019; KAMENSKY et. al., 2021, 2022; PERES et. al., 2020.) Tal espaço sempre foi um polo cultural regional, com acervo reconhecido, celeiro de poetas, artistas e discussões sobre políticas públicas de cultura, debatidas por uma década no Fórum Permanente de Debates Culturais do Grande ABC.

O Fórum atuou ininterruptamente de 2007 a 2017, com reuniões mensais com participantes de nossas sete cidades. O Ciclo "Cultura sem Carimbo" promovido pelo Fórum Permanente de Debates Culturais do Grande ABC, recolheu debate de coletivos, iniciativas e acontecimentos culturais ocorridos na região do ABC, de forma autônoma, sem vínculos ou patrocínios oficiais. Foram realizados encontros e recolhidos depoimentos dos coletivos "Batalha da Matrix - Parada Musical", de São Bernardo do Campo, Cia. do Nó (Santo André); Centro Recreativo e Cultural Alameda Glória, São Bernardo do Campo; Grupo Folclórico Congada do Parque São Bernardo, SBC; Ocupação Cuiabá, Santo André; e Sarau da Quebrada, Sarau da Santa, Santo André; Sarau Lapada Poética do coletivo Tantas Letras, São Bernardo do Campo, entre outros.

Nestas três décadas de atividades ininterruptas, tornou-se um polo irradiador, fomentador e divulgador da cultura regional, mas que também dialoga com a cultural nacional e internacional, trazendo escritores e artistas da capital e de outros estados, algumas vezes do exterior, para proferirem palestras, lançamentos de livros nas já tradicionais conversas de livraria. Músicos, atores, artistas visuais, cineastas e outras expressões artísticas também já passaram com sua arte pela casa da Rua Eduardo Monteiro, 151, contribuindo com a efervescência cultural e política característica do ABC.

Desde 2002, ao completar dez anos, o Centro Cultural Alpharrabio abriu um site (ALPHARRABIO, 2022) através do qual divulga atividades cujo portfólio está amplamente documentado também no livro *Alpharrabio 12 Anos: uma história em curso* (VERAS & VERAS, 2004). Em 2007, foi criado o blog (BLOG DO ALPHARRABIO, 2022), considerado um caderno virtual de registros do cotidiano e das ações do Centro Cultural Alpharrabio.

Nos seus trinta anos de existência, o Centro Cultural Alpharrabio entregou à cidade de Santo André e às suas cidades irmãs um trabalho coletivo de ativismo cultural, integrando debate político, oferecendo abrigo para a produção cultural, espaço para ocupação da comunidade, escrevendo e, sobretudo, preservando a história cultural do ABC, reconhecida por várias instituições públicas. A Câmara Municipal de Santo André por diversas vezes, através de votos de louvor e sessão pública, prestou homenagens. Ao longo de todo este tempo, foi-se estabelecendo entre os frequentadores um sentimento de camaradagem e, sobretudo, de “pertencimento” que faz do lugar a segunda morada dessas pessoas. Um lugar de encontro, portanto, de trocas, de debates de ideias e inserção comunitária. Uma trincheira, ainda que um tanto quanto brancaleônica, de resistência à mesmice, à massificação. Nanicos, quase invisíveis, mas íntegros, acreditando na possibilidade de reunir pessoas em torno de debates, documentos, criações e artefatos culturais, literários e artísticos, através de ações que visem a qualificação dos debates literários, políticos e culturais.

Neste cenário, foi aprovado no Plano de Cultura da Universidade Federal do ABC o projeto intitulado “Centro Cultural Alpharrabio & UFABC: um corredor cultural para formação, pesquisa e extensão acerca da memória e da história cultural da produção e difusão das linguagens da literatura e das artes na região do ABC paulista”, em 2014. Nestes oito anos, foram inúmeras as ações culturais realizadas nesse corredor cultural entre a Alpharrabio e a UFABC: encontros, palestras, oficinas, formações técnicas, entrevistas de História Oral e Audiovisual, organização, preservação e digitalização de documentos, que são fontes de referência para o conhecimento histórico e estudos culturais de 40 anos das ações e políticas culturais da região do ABC. O principal projeto desenvolvido desta conjunção foi a ação cultural de salvaguarda do acervo do ABCs Núcleo de Referência e Memória, fundado em 1998 no Centro Cultural, Livraria e Editora Alpharrabio – e oficialmente cedido à UFABC em 2018 – consolidou o Arquivo Histórico-Cultural da Região do ABC como um dos mais socialmente inovadores projetos de preservação e divulgação da memória regional,

que objetiva a manutenção das memórias de uma comunidade cultural, servindo não apenas para estudos, pesquisas e produções culturais locais, mas como objeto cultural memorativo a esta mulher responsável por construir uma rede de colaboradores independentes que contribuem para forjar a legitimidade das demandas comunitárias do ABC, pautando políticas culturais em tempos de conquista da democracia na virada do século XX para o século XXI.

Assim, o Arquivo Histórico-Cultural da Região do ABC foi responsável pela criação de um corredor cultural por meio de uma parceria entre a universidade federal e um centro cultural independente como forma de exercício de uma política cultural que pode priorizar, financiar e incentivar a organização e a disponibilização de acervos em torno da memória e da história cultural, concomitante ao desenvolvimento e à democratização de gestão e formulação de políticas culturais, bem como de práticas e produtos artísticos, culturais e educativos por meio da produção editorial independente e também dos usos das tecnologias de informação e comunicação, sobretudo das redes digitais na internet. Tal incentivo potencializa, deste modo, a gestão compartilhada da política cultural, assim como a produção cultural e educativa, favorecendo a organização, o intercâmbio e a colaboração de sujeitos e grupos em redes e comunidades.

A manutenção de um corredor cultural frente o contexto da pandemia de covid -19 demarcou como os sujeitos constituintes da rede de apoio centrado no Alpharrabio, juntamente com a UFABC, procuram, além de organizar e disponibilizar um acervo, a hibridização de linguagens e desenvolvimento de processos de criação, produção, edição, circulação, divulgação, utilizando de forma combinada e/ou comparativa fundamentos, procedimentos, tecnologias sociais e culturais de saberes compartilhados (CANCLINI, 2008; SANTAELLA, 2004, 2007). Esse projeto de corredor cultural visa fundamentar e reconhecer sujeitos e grupos que construíram espontaneamente um corredor cultural e que possuem um acervo a ser digitalizado e disponibilizado com informações precisas sobre quais processos relacionados aos fazeres artísticos e culturais locais necessitam ser mapeados e reconhecidos, para que tanto a gestão cultural e as políticas culturais quanto a produção artística, cultural e educativa existente na região possam ter mais possibilidades de criação e expressão, melhor qualidade dos produtos, bem como de formas de acesso, circulação e divulgação de sua memória e história cultural em nível local, nacional e global.

No entanto, em 2020 e 2021, com a chegada e a permanência da pandemia, tudo ficou fechado. O corredor cultural, assim como todos os setores sociais, viu a distância física e o

colapso emocional se imporem frente à rotina do dia a dia. Deste modo, buscamos analisar como a comunidade do Centro Cultural Editora e Livraria Alpharrabio se manteve durante o surto de Covid-19, a partir do questionamento central de como as atividades culturais e literárias em redes colaborativas foram capazes de sobreviver diante do isolamento.

Para analisarmos este cenário, primeiro torna-se necessário conhecermos quem coordena o núcleo cultural estudado. A principal figura por trás do Alpharrabio é Dalila Teles Veras, personalidade literária e reconhecida agente cultural da região do ABC paulista. Poeta, cronista, blogueira, editora, livreira e ativista cultural, lhe foi outorgado o título de Doutora Honoris Causa pela UFABC, em 2019, por sua trajetória literária e seu trabalho com a comunidade. Assim, conhecer a história de vida e do acervo reunido por essa mulher extraordinária implica não apenas se aprofundar em uma trajetória singular. Significa também, de acordo com as premissas contemporâneas de trabalho com arquivos e acervos, saber como foi coletada e organizada o acervo que compõe a Alpharrabio.

Assim, foram realizadas entrevistas com Dalila, gravadas em múltiplas sessões, com cerca de duas a três horas cada, com intervalos de dias ou meses, ao longo dos últimos quatro anos, por meio de recursos tecnológicos audiovisuais e digitais, presenciais e à distância, como no caso da última entrevista gravada em 2021, segundo ano da pandemia, já por teleconferência. A partir das entrevistas gravadas, a equipe de estudantes bolsistas e voluntários, com um primeiro auxílio de *softwares* de transcrição, que se tornaram cada vez mais populares, realizam versões iniciais de transcrições. Estas são as primeiras tentativas de mediação do que foi visto e ouvido - ou seja, do que era oral e audiovisual - para a linguagem escrita, que se constitui em outro código para leitura e disseminação dessas experiências narradas.

Em suas entrevistas, Dalila relata tentativas de se adequar à nova realidade imposta pela pandemia. Assim, a autora destaca que o Centro Cultural teve que utilizar dos canais digitais que já mobilizava, como seu blog, além de se apropriar de novas ferramentas para permitir a manutenção da consolidada rede colaborativa que cercava o Alpharrabio, agora em formato totalmente virtual, por meio de reuniões em videoconferências, conversas e trocas de informação em redes sociais, como o Whatsapp, Facebook e Youtube: “Então, a livraria ficou viva esse tempo todo, ainda que virtualmente.” (VERAS et. al., 2022)

Podemos relacionar o cenário da pandemia com o pensamento de Manuel Castells, que nos fala sobre como os movimentos sociais e culturais são emocionais, mobilizando a teoria da inteligência afetiva. A emoção se transforma em ação:

As emoções mais relevantes para mobilização social e o comportamento político são o medo (um afeto negativo) e o entusiasmo (um afeto positivo). Afetos positivos e negativos ligam-se a dois sistemas motivacionais básicos resultantes da evolução humana: aproximação e evitação. O sistema de aproximação está ligado ao comportamento voltado para objetivos, que leva o indivíduo a experiências gratificantes. Os indivíduos entusiasmam-se quando são mobilizados para um objetivo que apreciam. É por isso que o entusiasmo está diretamente relacionado a outra emoção positiva: a esperança. [...] a esperança é um ingrediente fundamental à ação com vistas a um objetivo. (CASTELLS, 2017, p.28)

Assim, segundo o autor, para que se forme um movimento social e cultural, a ativação emocional dos indivíduos precisa conectar-se a outros, em um processo de comunicação que propague eventos e emoções de forma interativa e participativa. Georges Didi-Huberman, em suas reflexões sobre filosofia e história da arte, afirma que as emoções são mais do que ter um poder, pois são um poder de transformação: da memória em desejo, do passado em futuro, da tristeza em alegria. (HUBERMAN, 2016)

A manutenção de uma rede de indivíduos mobilizados, mesmo diante do isolamento social, propicia a emergência de outro tipo de inteligência, a coletiva. Pierre Lévy, ao tratar da inteligência coletiva, defende a hipótese de que é simultaneamente possível e desejável construir dispositivos técnicos, sociais e semióticos que a encarnam ou a materializam efetivamente, imaginando relações com o saber diferentes das que prevalecem atualmente, renovando as relações humanas e reinventando a democracia:

O intelectual coletivo é uma espécie de sociedade anônima para a qual cada acionista traz como capital seus conhecimentos, suas navegações, sua capacidade de aprender e ensinar. O coletivo inteligente não submete nem limita as inteligências individuais; pelo contrário, exalta-as, fã-las frutificar e abre-lhes novas potências. Esse sujeito transpessoal não se contenta em somar as inteligências individuais. Ele faz florescer uma forma de inteligência qualitativamente diferente, que vem se acrescentar às inteligências pessoais, uma espécie de cérebro coletivo ou hipercórtex. (LÉVY, 2010, p.94)

Assim, o coletivo inteligente reunido no Centro Cultural Alpharrabio, mobilizados pelo medo e pelo entusiasmo, continuaram a realizar ações durante a pandemia. Isto verifica-se na fala de Dalila, que destaca a realização de saraus virtuais e atividades culturais em formato de lives:

Para dar conta desse novo tempo, abrimos um canal do Alpharrabio no YouTube. Lá muitas atividades já foram transmitidas, que agora estão se acelerando, até porque não faço nenhuma ideia de quando a gente vai poder fazer isso até que todos estejam vacinados. [...] Eu estou fazendo agora uma série de lives chamada 'Conversa de Livraria', que nada mais é do que chamar escritores e pensadores que tenham publicado algum livro e que queiram falar sobre ele ou até mesmo lançá-lo conosco. Essa foi uma atividade que a gente fez ao longo dessas décadas, com muitas e muitas pessoas. [...] No começo dessa etapa virtual a gente se preocupou em fazer primeiro com os nossos editados. Depois, mais no final do ano, lançamos 'Folheto', do Paulo Dantas e também fizemos uma live com ele para falar desse livro.(VERAS et. al., 2022)

O cenário de transformação cultural apontado pela escritora evidencia a visão de Santaella de que as redes digitais são meros canais de comunicação, mas que possibilitam uma circulação de signos e processos comunicativos que geram uma modificação no pensamento humano e em sua sensibilidade, resultando no surgimento de novos ambientes socioculturais. (SANTAELLA, 2003) Neste mesmo cenário, a autora indica:

[...] há sempre um processo cumulativo de complexificação: uma nova formação comunicativa e cultural vai se integrando na anterior, provocando nela reajustamentos e refuncionalização. É certo que alguns elementos sempre desaparecem, por exemplo, um tipo de suporte que é substituído por outro, como no caso do papiro, ou um aparelho que é substituído por outro mais eficiente, o caso do telégrafo. É certo também que, em cada período histórico, a cultura fica sob o domínio da técnica ou da tecnologia de comunicação mais recente. Contudo, esse domínio não é suficiente para asfixiar os princípios semióticos que definem as formações culturais preexistentes. Afinal, a cultura comporta-se sempre como um organismo vivo e, sobretudo, inteligente, com poderes de adaptação imprevisíveis e surpreendentes. (SANTAELLA, 2003, p. 25)

Os novos ambientes culturais manifestados diante do isolamento demarcam uma capacidade de hibridização das produções culturais, que se viram forçadas à manifestação virtual. Este processo de complexo intercâmbio identitário e subjetivo de indivíduos, grupos e linguagens possibilitou a percepção do quanto artistas, educadores/as, agentes e gestores/as culturais são figuras e grupos que se sobrepõem em processos para criação de produtos culturais em várias linguagens e também para sua circulação em redes de compartilhamento na cultura digital, fertilizando gradativamente o terreno sociocultural. (CANCLINI, 2000, 2005; SANTAELLA, 2004, 2007).

Além disso, a poeta destaca que o que estava ajudando a comunidade a sobreviver e conviver minimamente são as ações culturais e literárias on-line como, por exemplo, a Conversa de Livraria e as reuniões mensais do Coletivo PerVersas que, antes da pandemia, eram atividades culturais regulares e presenciais no Alpharrabio. Em atividades virtuais,

Dalila também continuou a apoiar o movimento de milhares de escritoras feministas, Mulherio das Letras, que ela lidera com uma turma junto à famosa escritora Maria Valéria Rezende, que nos fala dessa amizade neste livro, feito a partir de um relato para a Coletiva Mulheres que se Escrevem, organizado por Ciça Lessa, depois de uma oficina para escritoras. Esses registros históricos nos mostram um pouco mais sobre quem são essas mulheres sábias que, com produções literárias e ativismos culturais, estão apoiando os movimentos das novas gerações de escritoras, antes invisibilizadas:

Com toda aquela energia e entusiasmo, fez surgir o movimento Mulherio das Letras, em 2017, ao qual eu pertença. A gente tem um grupo, fechado, na internet com mais de sete mil mulheres, bem como mantemos uma página aberta. Já foram realizados três encontros nacionais presenciais. Por conta da pandemia, o de 2020 foi virtual e vamos para o segundo neste 2021, reunindo mulheres do país inteiro. Um movimento feminista e por ser feminista, não aceita mulheres conservadoras, politicamente alinhadas a ideologias de extrema-direita.. (VERAS et. al., 2022)

A fala de Dalila nos mostra uma comunicação e mobilização política *online*, que leva a reflexão de Castells em *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*:

Nos últimos anos, a mudança fundamental no domínio da comunicação foi a emergência do que chamei de autocomunicação - o uso da internet e das redes sem fio como plataformas da comunicação digital. É comunicação de massa porque processa informação de muitos para muitos, com o potencial de alcançar uma multiplicidade de receptores e de se conectar a um número infindável de redes que transmitem informações digitalizadas pela vizinhança ou pelo mundo. [...] Em nossa sociedade, que conceptualizei como uma sociedade em rede, o poder é multidimensional e se organiza em torno de redes programadas em cada domínio da atividade humana, de acordo com os interesses e valores de atores habilitados. As redes de poder o exercem sobretudo influenciando a mente humana (mas não apenas) mediante as redes multimídia de comunicação de massa. Assim, as redes de comunicação são fontes decisivas de construção de poder. (CASTELLS, 2017, p.22)

Dalila e a comunidade reunida produziram, mesmo em meio às dificuldades da crise sanitária e do isolamento social, uma antologia com vários artistas e escritores tratando da pandemia, o livro *Dias Distantes* (VERAS, 2021):

“E, no fim do ano, já quase no início de 2021, veio-me a ideia de reunir pessoas de uma outra maneira, ou seja, em livro. Ainda tenho a ilusão, a utopia da palavra no papel impresso. Convidei vinte e duas pessoas para mandarem algum tipo de trabalho que tivesse sido feito durante a pandemia e falasse de alguma maneira, mesmo que indireta, sobre como aquela pessoa foi afetada nesse ano de isolamento social. Para minha surpresa, todos aceitaram e me mandaram coisas muito bonitas. E não veio só poesia. Vieram minicontos, trabalhos gráficos, desenhos, pinturas. Um livro muito diverso, plural.” (VERAS et. al., 2022)

A produção artística, aqui representada pelo livro, é um processo de compartilhamento de significado, que nasce da necessidade de interpretar o mundo e transformá-lo, pois, de acordo com Castells, o legado de um movimento social é a mudança

cultural produzida pela sua ação, afirmando a capacidade de reaprender a conviver democraticamente. O autor nos detalha sobre este processo de produção de significados durante o ato de comunicação:

Os seres humanos criam significado interagindo com seu ambiente natural e social, conectando suas redes neurais com as redes da natureza e com as redes sociais. A constituição de redes é operada pelo ato da comunicação. Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações. Para a sociedade em geral, a principal fonte da produção social de significado é o processo da comunicação socializada. Esta existe no domínio público, para além da comunicação interpessoal. A contínua transformação da tecnologia da comunicação na era digital amplia o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança. O processo de construção de significado caracteriza-se por um grande volume de diversidade. Existe, contudo, uma característica comum a todos os processos de construção simbólica: eles dependem amplamente das mensagens e estruturas criadas, formatadas e difundidas nas redes de comunicação multimídia. Embora cada mente humana individual construa seu próprio significado, interpretando em seus próprios termos as informações comunicadas, esse processamento mental é condicionado pelo ambiente da comunicação. Assim, a mudança do ambiente comunicacional afeta diretamente as normas de construção de significado e, portanto, a produção de relações de poder. (CASTELLS, 2017, p.21)

Assim, o Centro Cultural Alpharrabio promove a cidadania cultural, em uma mudança do papel de consumidores passivos para ativos produtores culturais, promovendo o crescimento da diversidade da produção cultural descentralizada, a invenção de novas linguagens estéticas, subjetividades e identidades culturais são alguns dos aspectos dos processos de produção artística, cultural e educacional. Estas características parecem emergir com força nos apoios aos corredores culturais como marco nas novas políticas culturais em torno do reconhecimento histórico de diversidades culturais, da qual parceiros atuam como polos desenvolvedores de tais processos, práticas e produtos e da guarda e preservação de sua própria memória e história cultural local, como já acontece nessa experiência única no ABC paulista (CANCLINI, 2005; HALL, 2001; SANTAELLA, 2003, 2004, 2007; SANTOS, 2011).

No cenário da pandemia de Covid-19, a importância do Centro Cultural Alpharrabio é demarcada pela capacidade de se adequarem às redes sociais, transformando os modos de ver e ler, maneiras de reunir as coletividades, falar e escrever, amar e imaginar, fazendo aparecer outras formas de organização social e de fazer política (CANCLINI, 2008). Essa visão é consonante com a de Castells, que avalia como movimentos sociais e culturais podem construir novos significados, de forma horizontal em ambientes comunicacionais de circulação livre no espaço urbano. Assim, uma rede colaborativa constitui um movimento social, na visão do autor, ao:

[...] Os movimentos sociais precisam abrir um novo espaço público que não se limite à internet, mas se torne visível nos lugares da vida social. É por isso que ocupam o espaço urbano e os prédios simbólicos. Os espaços ocupados têm desempenhado papel importante na história da mudança social, assim como na prática contemporânea, por três motivos básicos: 1. Eles criam uma comunidade, e a comunidade se baseia na proximidade. A proximidade é um mecanismo psicológico fundamental para superar o medo. [...] 2. Os espaços ocupados não carecem de significado: são geralmente carregados do poder simbólico de invadir áreas do poder de Estado ou de instituições financeiras. Ou então, reportando-se à história, evocam memórias de levantes populares que expressaram a vontade dos cidadãos quando foram fechadas outras vias de representação [...] 3. Construindo uma comunidade livre num espaço simbólico, os movimentos sociais criam um espaço público, um espaço de deliberação que, em última instância, se torna um espaço político [...] Em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado: conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de prática transformadora. (CASTELLS, 2017, pp.25-26)

Jacques Rancière, ao falar de estética e política em *A partilha do sensível*, indica que os atos estéticos são configurações da experiência que comportam novos modos de sentir e levam a novas formas de subjetividade política. (RANCIÈRE, 2005) No âmbito da psicologia política, as reflexões sobre movimentos sociais e culturais evidenciam o potencial de abertura à conexão com o outro, promovendo subjetividades insurgentes que proporcionam agenciamentos coletivos produtores de outros mundos possíveis e novas formas de vida em busca de um outro porvir. (HUR, 2018)

A construção deste espaço híbrido, simbólico e empírico no contexto capitalista, no entanto, pode ser frustrante. Em sua última entrevista, gravada por teleconferência, Dalila disse que não aguentava mais o isolamento social, o teletrabalho e o governo desastroso de Jair Bolsonaro. Ela afirmou que gostaria de, novamente, poder abrir as portas do Alpharrabio para reencontrar e abraçar seus amigos e amigas, reunindo presencialmente as pessoas da sua comunidade. Apesar disso, a poeta reconhece que o que estava ajudando a comunidade a sobreviver e conviver minimamente eram as ações culturais e literárias on-line:

[...] Eu diria que não me satisfaz plenamente, não é a mesma coisa. [...] As pessoas agora estão uniformizadas, a falar apenas com os olhos. Participar de lives é uma oportunidade para ver a boca e todo o semblante de meus interlocutores. [...] Então, a poesia está circulando. As minhas próximas lives do Alpharrabio vão falar disso também: quais foram os meios encontrados, não por mim, mas por muitas outras pessoas para fazer a poesia circular na pandemia. Os saraus estão sendo transmitidos na Universidade Federal do ABC com Andrea Paula e Paulo Dantas, que fizeram aquele sarau lindo no final do ano passado. As coisas estão acontecendo. (VERAS et. al., 2022)

Deste modo, o Centro Cultural Alpharrabio, em cenário de pandemia, foi capaz de produzir novos valores e objetivos, novas subjetividades, novas práticas artísticas e culturais,

novas formas de pensar, existir e resistir, fomentando uma rede colaborativa capaz de transformar os modos de organização da vida social, que pôde se manter ativa devido a capacidade de hibridização de suas ações. As redes sociais, plataformas de comunicação durante o isolamento social, permitiram um maior alcance, complexidade e democratização à criação artística e literária. Este movimento de continuação das ações que eram anteriormente presenciais possibilitou uma reconfiguração do próprio universo artístico e cultural, em termos de interculturalidade, com produções híbridas, digitais e impressas. Ao organizar-se em redes plurais na cultura contemporânea e digital, o movimento social e cultural colocou em novas práticas a questão da literatura e de outras expressões e manifestações artísticas e culturais realizadas em espaços públicos na internet para, além da utopia, repensar as fronteiras entre arte e cultura, identidades, subjetividades e estilos de vida. Assim, os hibridismos tecnológicos e a ligação com a cultura digital são, portanto, características dos movimentos culturais e dos processos de pesquisa e extensão na segunda década do século 21, intensificados no contexto da pandemia de Covid-19.

Referências:

ALPHARRABIO. Alpharrabio Livraria e Editora. 2022. Disponível em: <http://www.alpharrabio.com.br/> Acesso em: 13/06/2022.

ARAÚJO, Fernanda A.B. de; LOPES, Gilson P.; OLIVEIRA, Vitoria M. de; LEITE, Leticia N. P. Leite *et al.* “Arquivo Histórico-Cultural da região do ABC: História cultural e preservação do patrimônio local”. Apresentação Oral - V Congresso de Extensão Universitária da UFABC, São Bernardo do Campo, 2019. **Anais do Evento: Conectadas - Revista Interdisciplinar de Extensão e Cultura da UFABC**. V.1, N.1, nov. 2019.

BLOG DO ALPHARRABIO. Alpharrabio, caderno de registros, apropriações, inquietudes, intervenções. Disponível em: <http://alpharrabio.com.br/blog/> Acesso em: 13/06/2022.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CANCLINI, Néstor García. O que será a interculturalidade?. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology** [online]. 2021, v. 18, e18801. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-43412021v18a801> Acesso em: 13/06/2022.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos na era da internet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Editora 34, 2016.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6a. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HUR, Domenico Uhng. **Psicologia, política e esquizoanálise**. Campinas, SP: Alinea, 2018.

KAMENSKY, A. P. S. O. (2020). “Arquivo Histórico-Cultural do ABC: ação cultural no contexto da pandemia de COVID-19”. **Digital Plural UFABC**. Disponível em <https://cursos.ufabc.edu.br/digitalplural/arquivo-historico-cultural-do-abc-acaocultural-no-contexto-da-pandemia-de-covid-19/> Acesso em: 13/06/2022

KAMENSKY, Andrea Paula S.O, SILVÉRIO, Caroline, PERES, N. F; SOUZA, Leticia C. P. de,; WASSANO Jaqueline, ARAÚJO, Fabiana J. S. “Pausa para lembrar”. VI Congresso de Extensão Universitária da UFABC, Pandemia, 2020. **Anais do Evento: Conectadas - Revista Interdisciplinar de Extensão e Cultura da UFABC**. V.1, N.3, nov. 2021.

LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 6ªed. São Paulo, Edições Loyola, 2010.

PERES, N. F.; SILVÉRIO, C.; KAMENSKY, A.P.S.O.; ARAÚJO, F.J.S.; PINHEIRO, L.C. & WASSANO, J. (2020). “Centro Cultural Alpharrabio e UFABC: preservação da memória e patrimônio histórico-cultural do ABC.” **Digital Plural UFABC**. 4ª **Semana Nacional de Arquivos**. Arquivo Nacional, 2020. Disponível em: <https://cursos.ufabc.edu.br/digitalplural/arquivo-historico-cultural-do-abc/semananacional-de-arquivos-2> Acesso em: 13/06/2022

PERES, Nathalia F.; SILVÉRIO, Caroline; KAMENSKY, Andrea Paula S.O.; ARAÚJO, Fabiana J. S.; PINHEIRO, L. C. & Wassano, J. (2020). “Tempo propício à memória”. Exposição Virtual. **5ª Semana Nacional de Arquivos**. Arquivo Nacional. Disponível em: <https://www.instagram.com/arquivoabc.ufabc>. Acesso em: 13/06/2022

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: Ed. 34, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. 3 ed., São Paulo: Paulus: 2003.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura de mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. Porto Alegre: **Revista Famecos**, nº 22, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lucia. “Sujeito, subjetividade e identidade no ciberespaço”. In: LEÃO, Lúcia (org.). **Derivas: cartografias do ciberespaço**. São Paulo: Annablume Editora, 2004.

VERAS, Dalila T. (org) **Dias Distantes**. Santo André: Alpharrabio Edições, 2021.

VERAS, Dalila T. *et. al.*, **Arquivo Histórico Cultural do ABC**: história de vida e do acervo de uma poeta, escritora, editora, livreira e ativista cultural. Santo André: EdUFABC (no prelo)